

■ COVID - 19

Procura pela quarta dose, liberada há pouco mais de um mês para pessoas acima de 40 anos, é baixa na capital. Especialistas alertam para a importância da imunização completa

Vacinação está estagnada em BH

SÍLVIA PIRES

Com a queda no número de casos graves e de mortes por COVID-19, Belo Horizonte enfrenta um novo desafio para controlar a pandemia: a baixa procura pelas doses de reforço atrelada à estagnação da vacinação. Atualmente, apenas 33% da população tomou a quarta dose da vacina, liberada, até o momento, para pessoas a partir de 40 anos. Quase 800 mil belo-horizontinos ainda não voltaram para receber a nova injeção, disponibilizada há pouco mais de um mês para essa nova faixa etária. A adesão à quarta aplicação não subiu nem 10 pontos percentuais desde a convocação das pessoas acima de 40 anos. Também não há previsão da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) para ampliar a aplicação do reforço para o público geral. Sem a quarta dose, a população começa a ficar desprotegida contra a COVID-19, apontam especialistas.

No início de julho, apenas 24,8% das pessoas convocadas para receber a quarta dose haviam completado o esquema vacinal, conforme boletim epidemiológico da PBH. O público estimado para receber a nova vacina em BH é de 1.194.693. Desse número, menos de 400 mil pessoas já tomaram o reforço. Isso significa que, de julho para cá, cerca de 90 mil pessoas receberam a imunização no período de um mês. Mesmo antes de abrir a vacinação para pessoas acima de 40 anos, nem metade da população havia tomado a dose de reforço. No boletim epidemiológico divulgado em 1º de julho, a cobertura vacinal do público acima de 58 anos estava em 39,3%, considerando um grupo de mais de 500 mil pessoas elegíveis para tomar a vacina.

A prefeitura diz que aguarda orientações do Ministério da Saúde para ampliar a oferta da quarta dose para o público geral. Enquanto isso, a cobertura da terceira dose de reforço também está estagnada. Segundo dados divulgados na terça-feira (9/8), 87,7% da população

“A questão é que o brasileiro tem como tendência apagar o incêndio, e não prevenir”

■ Estevão Urbano,
infetologista

“Parece que há um consenso de que a pandemia acabou, mas, na verdade, não chegamos lá ainda”

■ Unai Tupinambás,
infetologista e professor da UFMG

tomou três doses. Em 5 de julho, o índice estava em 84,1%, o que aponta um crescimento de menos de quatro pontos percentuais.

No restante do estado, a realidade não é muito diferente. De acordo com o painel do vacinômetro, da Secretaria de Estado de Saúde (SES-MG), a segunda dose foi aplicada em 84,6% dos mineiros com mais de 5 anos de idade, enquanto 60,7% dos maiores de 12 anos receberam a terceira dose, ou primeiro reforço. A 4ª dose atingiu 34,2% do público-alvo, com mais de 40 anos.

Enquanto isso, cerca de 28 milhões de doses de vacina estão com o prazo de validade perto do fim devido à baixa adesão da sociedade à campanha de imunização contra a doença. As unidades de AstraZeneca e Pfizer, avaliadas em



Assim como a quarta dose, a cobertura da terceira também está estagnada em BH: de julho para agosto, houve crescimento de menos de 4%, chegando a 87,7% do público-alvo

R\$ 1,2 bilhão, correm o risco de ser inutilizadas se não forem aplicadas até o fim de agosto.

FALSA SEGURANÇA Especialistas ouvidos pelo Estado de Minas concordam na avaliação de que a quarta dose é essencial para proteger a população de complicações e evitar mortes, especialmente dos grupos mais vulneráveis. Para o infectologista Estevão Urbano, que integrou o extinto Comitê de Enfrentamento à COVID-19 da prefeitura, a estabilização dos casos traz uma falsa sensação de segurança. “Hoje, o número de óbitos está em um patamar bem inferior ao período de pico. A questão é que o brasileiro tem como tendência apagar o incêndio, e não prevenir. A partir do momento em que chega esse sentimento de conforto, as pessoas esquecem de que ele tem que ser mantido por outras medidas de

prevenção. Quando explode de novo, começa tudo do zero”, afirma.

O infectologista e professor da UFMG Unai Tupinambás tem a mesma opinião de seu ex-colega de comitê. “Parece que há um consenso de que a pandemia acabou, mas, na verdade, não chegamos lá ainda. O problema está longe das pessoas. Felizmente, estamos em uma outra fase da pandemia, é verdade, temos redução de casos e mortes, mas nós ainda temos que proteger a população”, analisa.

Estevão aponta que a imunidade das primeiras doses apresentou uma queda significativa nos níveis de anticorpos. “É possível que isso aconteça também com a terceira dose, que ela somente não seja suficiente e que, com o tempo, essa imunidade pode ir caindo e deixar a pessoa desarmada novamente”, afirma. E alerta: “Estamos com flutuações. A COVID-19 tem vindo

em ondas. Uma onda pode sumir e outra começar a aparecer. Todo cuidado é pouco. As pessoas mais jovens, que estão vacinadas, não devem esquecer de que elas têm em casa um pai, uma mãe, avós que estão morrendo, mesmo vacinados”, avalia o infectologista.

Ele lembra, ainda, a escalada de casos vivida na capital entre os meses de maio e junho. “Chegou em um limite altíssimo. Felizmente, não houve um paralelo muito grande no número de mortes e isso se deve exatamente por causa da proteção da vacina. Foi um surto terrível, que não foi devidamente documentado por causa dos autotestes, que as pessoas fazem em farmácia”, ressalta. Com média móvel de 24,6 mortes por dia pela COVID-19 em Minas Gerais, o índice começa a cair após dias perto da média de 30 perdas diárias, do fim de julho ao início de

agosto, segundo dados da SES-MG. “Ainda vivemos um momento de risco por dois fatores: o inverno, que é marcado pelo aumento de doenças respiratórias, e a chegada de subvariantes da Omicron, principalmente a B4 e a B5, que são mais transmissíveis”, disse.

Para Tupinambás, é necessária uma política efetiva de promoção à vacinação. “A falta de campanhas, tanto do governo federal quanto municipal, é um dos fatores que resultaram na baixa adesão às vacinas. Falta um incentivo maior, especialmente para as doses de reforço”, disse. Segundo ele, a quarta dose reduz drasticamente o risco de mortalidade pela COVID-19. “Tem vários estudos que indicam isso, principalmente para a população mais vulnerável, que são os acima de 50 anos e com comorbidades. Acho que tem que mostrar esses dados”, afirma.

NÚMEROS Só nas últimas 24 horas, mais 2.095 testaram positivo para o coronavírus no estado, segundo dados da SES-MG. No momento, 59.920 pessoas estão doentes e sendo acompanhadas pelos municípios.

O grupo de crianças entre 5 e 11 anos é o mais defasado em relação à cobertura vacinal em BH. Apenas 62,4% do público infantil recebeu a segunda dose da proteção contra a COVID-19. O ritmo da vacinação segue a passos lentos. No início de julho, o índice era de 59,2%. Há pouco mais de duas semanas, a prefeitura iniciou a vacinação de crianças de 3 e 4 anos. Até o momento, 8,2% dos moradores nessa faixa etária receberam a primeira dose da proteção contra a COVID-19. O público estimado para receber a imunização é de 51.203. A Prefeitura de BH informa que continua com a campanha de respecação para todos os públicos já convocados na capital, de segunda a sexta-feira, nos centros de saúde e postos extras da capital. Os locais de vacinação devem ser conferidos no site da prefeitura.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais Pagina: 8